

Argumentação e Linguagem

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Argumentação e Linguagem

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A694	Argumentação e linguagem [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-530-3 DOI 10.22533/at.ed.303191408 1. Língua portuguesa – Composição e exercícios. 2. Linguística. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. CDD 469.8
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

Ai Palavras! ... Todo o sentido da vida principia à vossa porta; o mel do amor cristaliza seu perfume em vossa rosa; sois o sonho e sois audácia, calúnia, fúria, derrota... A liberdade das almas, ai! com letras se elabora... E dos venenos humanos sois a mais fina retorta: frágil como o vidro e mais que o são poderosa! Reis, impérios, povos, tempos, pelo vosso impulso rodam... Cecília Meireles ...

Porque a verdadeira caverna, aquela que nos proíbe a relação com a realidade, aquela que nos obriga a viver no meio das sombras, é, para mim, a linguagem. Oswald Ducrot. Não há como pensar a argumentação na linguagem sem que se façam referências à retórica clássica, principalmente se o ato de argumentar for entendido como uma forma de gerenciar o discurso, de modo a se obterem resultados efetivos sobre as práticas sociais humanas. É justamente o funcionamento pragmático dos textos/discursos que nos permitem dizer, hoje, que os mesmos se nos apresentam revestidos de caráter ideológico, somente para citar um dos efeitos das ações das práticas linguísticas sobre as sociais. Nesse sentido, presume-se que a instrumentalidade do discurso argumentativo retrata-se nas formas como os argumentos são apresentados nos textos, de modo a criar um sentido de identidade entre falante/escritor e ouvinte/leitor. As atividades cognitivas da leitura e da compreensão estão inter-relacionadas, ainda que não se tenha como garantia indicativos de entendimento textual, afirmam Löbner e Flôres (2010, p. 181). Flôres e Gabriel (2012) defendem que a leitura pode ser estudada a partir de diferentes perspectivas, sejam elas: com foco no autor, no texto ou no leitor. Abraça-se, então, neste trabalho, a pesquisa sobre a leitura e foco no texto de diferentes formas.

Coscarelli (2002, p. 01) afirma que a leitura pode ser vista como um todo sem divisões, uma visão genérica e compactada que dificulta o trabalho do professor em ajudar os alunos em desenvolver o processo de leitura. Segundo a autora: A leitura pode ser dividida em duas grandes partes, uma que lida com a forma linguística e outra que se relaciona com o significado. Essas partes, por sua vez, podem ser ainda subdivididas. O processamento da forma, também tratado como decodificação, será aqui subdividido em processamento lexical e processamento sintático. Faz parte da atividade leitora apresentar sentidos para a informação ali exposta, buscando a reflexão, os questionamentos e os possíveis diálogos entre ela e o leitor. Para tal, essa prática envolve o aspecto de reconhecer o código linguístico, assim como depreender os sentidos que esse código desenvolve a partir das relações semânticas, Löbner e Flôres (2010, p. 188).

O leitor tem a função de decodificar o texto e identificar as pistas que o autor vai deixando ao longo desse texto, além de formular representações mentais sobre as informações contidas ali, Löbner e Flôres (2010, 192). Ele suscita hipóteses, realiza inferências, ativa o seu conhecimento prévio, tudo isso objetivando compreendê-lo. Löbner e Flores explicam assim o processo de compreensão: A compreensão da língua escrita é uma atividade complexa e onerosa do ponto de vista cognitivo, pois consiste em relacionar, concomitantemente, o que é lido a conhecimentos preexistentes. Para fazer tal síntese, o cérebro do leitor mobiliza os conhecimentos que já possui, relacionando-os

ao processamento em realização, ou seja, fazendo a articulação paralela entre o sabido e o desconhecido, no decorrer da própria leitura.

Nesse processo de diálogo com o texto, o leitor tenta identificar as intenções do autor por este ou aquele vocabulário, as intenções de formalidades ou informalidades, ou ainda, identificar quem está falando naquele texto. Ducrot (1990, p.15) defende que o enunciado é polifônico e que, portanto, existem algumas pessoas envolvidas em sua existência. Dentre elas, declara a existência do locutor, sujeito discursivo responsável discurso, e enunciadore, responsáveis pelos pontos de vista ao longo do discurso.

O enunciado, assim como o discurso, é único e sempre terá um autor, denominado sujeito empírico, Ducrot (1990) Os jornalistas, por exemplo, ao noticiarem ou reportarem determinada informação, fazem-na através das argumentações, que são entendidas por Ducrot como uma sequência de dois segmentos que compõem um discurso relacionados por um conector.

Argumentar é apresentar um ponto de vista. Entretanto, cabe ao leitor, durante a atividade leitora, apreender os diferentes sentidos que vão sendo desenvolvidos ao longo do discurso destes profissionais.

Acredita-se que, ao se analisar as palavras envolvidas nesses discursos jornalísticos, pode-se facilitar a compreensão dos sentidos ali inscritos. Diante disso, apresenta-se, como objetivo geral deste trabalho, a análise do papel que o léxico desempenha (palavras plenas e palavras instrumentais) na construção do sentido dos discursos desdobraram-se em múltiplas linguagens. A construção de sentidos nos diferentes e múltiplos discursos não é realizada da mesma maneira, não segue uma regra que se comportam diferentemente no momento de construção desses sentidos.

Um conjunto de considerações pragmático-discursivas constitui o cerne da história da retórica. O retorno à retórica faz sentir que muitas das preocupações atuais dos estudiosos da linguagem, no que concerne à eficácia da palavra, assentam-se em preceitos advindos dos clássicos e dos teóricos contemporâneos da argumentação.

Avulta das considerações tecidas um aspecto particular caracterizador do dinamismo da linguagem, que é o lugar ocupado pelos sujeitos que lançam mão de argumentos relativos aos seus objetivos comunicativos e objetos de discurso. Nesse sentido, defrontamo-nos com uma subjetividade enunciativa que extrapola os limites de uma consciência empírica do sujeito. Pela enunciação que o constitui, ele mobiliza um ou mais coenunciadores, fazendo-os aderir ou refutar o universo de significações ou sentidos atribuídos histórica e culturalmente aos objetos de predicação. O enunciadore é, para mim, o grande tecelão do mundo representado nos eventos comunicativos de que participa. Nesse sentido é que cabe nos estudos da argumentação, ou da construção argumentativa dos textos, aproximar teorias de textos e discursos das teorias sociológicas, assumindo, portanto, um posicionamento multidisciplinar perante a investigação dos fenômenos linguísticos.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A LITERATURA SOBRE O SEXO E A SEXUALIDADE NO BRASIL NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.3031914081	
CAPÍTULO 2	13
A FALA DE ULYSSES GUIMARÃES NA PROMULGAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA	
Tayson Ribeiro Teles	
DOI 10.22533/at.ed.3031914082	
CAPÍTULO 3	24
A ARGUMENTAÇÃO E A RETÓRICA NO SERMÃO DA SEXAGÉSIMA, DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA: UMA ABORDAGEM PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO	
Gabriela Lages Veloso Letícia Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.3031914083	
CAPÍTULO 4	35
ARQUITETURA DA ARTE DE CONTAR: A NATUREZA SOCIOLOGICA E A COMUNICAÇÃO ESTÉTICA NO CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO	
Márcia Adriana Dias Kraemer Alba Maria Perfeito	
DOI 10.22533/at.ed.3031914084	
CAPÍTULO 5	55
COMO TRABALHAR A LITERATURA SOB REGIMES AUTORITÁRIOS EM SALA DE AULA	
Cícera Tayana Francelino Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.3031914085	
CAPÍTULO 6	66
A INTENCIONALIDADE MARCADA NOS TEXTOS INSTRUCCIONAIS: O QUE HÁ DE NOVO NISSO?	
Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira Sílvia Adélia Henrique Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.3031914086	
CAPÍTULO 7	85
DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS NO ENSINO DE PORTUGUÊS	
Maria Auxiliadora Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.3031914087	
CAPÍTULO 8	103
IGREJA” E “SENHOR”: A CRÍTICA À RELIGIÃO NAS LETRAS DE MÚSICA DA BANDA TITÃS À LUZ DAS REFLEXÕES BAKHTINIANAS	
Claudia de Fátima Oliveira Camila de Araújo Beraldo Ludovice	
DOI 10.22533/at.ed.3031914088	

CAPÍTULO 9	114
FICÇÃO E MEMÓRIA EM <i>SIMÁ</i> : ROMANCE HISTÓRICO DO ALTO AMAZONAS, DE LOURENÇO DA SILVA ARAÚJO	
Daniel Padilha Pacheco da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.3031914089	
CAPÍTULO 10	133
PRESENÇA E USO DOS MARCADORES DISCURSIVOS EM ESTUDANTES BRASILEIROS DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Cristina Corral Esteve	
DOI 10.22533/at.ed.30319140810	
CAPÍTULO 11	146
VARIAÇÃO FONÉTICA NO POVOADO ONÇA DO MARANHÃO: ANÁLISE DOS FENÔMENOS DE REDUÇÃO DO DITONGO “OU” EM “O” E REDUÇÃO DO DITONGO “EI” EM “E”.	
Shayra Brunna Silva Marques	
Ana Claudia Menezes Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.30319140811	
CAPÍTULO 12	157
PLE + ELO: UMA EXPERIÊNCIA VIRTUAL NO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NA UFLA	
Débora Racy Soares	
DOI 10.22533/at.ed.30319140812	
CAPÍTULO 13	164
MOBILED-ASSISTED LANGUAGE LEARNING: QUESTÕES ACERCA DO USO DE SMARTPHONES EM SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA	
Luana de França Perondi Khatchadourian	
DOI 10.22533/at.ed.30319140813	
CAPÍTULO 14	175
MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE INGLÊS: UMA PROPOSTA POR MEIO DA PEDAGOGIA DE MULTILETRAMENTOS	
Patrícia Helena da Silva Costa	
DOI 10.22533/at.ed.30319140814	
CAPÍTULO 15	189
ORIGENS E FRONTEIRAS DO COSMOS: O PODER DA PALAVRA	
Márcio Moreira Costa	
DOI 10.22533/at.ed.30319140815	
CAPÍTULO 16	199
MULTILETRAMENTOS NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE: APROXIMAÇÕES ENTRE REFLEXÃO E AÇÃO	
Maria de Lourdes Rossi Remenche	
Ana Paula Pinheiro da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.30319140816	

CAPÍTULO 17	211
O MÉTODO FÔNICO E A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Alice Santos Pimentel Nunes	
Terezinha de Jesus Dias Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.30319140817	
CAPÍTULO 18	223
NARRATIVAS COERENTES E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE EM GRUPOS VULNERÁVEIS	
Dóris Cristina Gedrat	
André Guirland Vieira	
Gehysa Guimarães Alves	
Cláudio Schubert	
DOI 10.22533/at.ed.30319140818	
CAPÍTULO 19	235
BEM-ME-QUERO, BEM-TE-QUERO: UM PROJETO DE PSICOLOGIA EDUCACIONAL SOBRE CORPOREIDADE E GESTÃO DO CUIDADO	
Roselaine Vieira Sônego	
Allan Henrique Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.30319140819	
CAPÍTULO 20	248
MASCULINIDADE NA LITERATURA: UMA HISTÓRIA HERDADA SOCIALMENTE	
Francisco Heitor Pimenta Patrício	
Cícero Hérciclis Ângelo Pereira	
Josilene Marcelino Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.30319140820	
CAPÍTULO 21	260
ENSINANDO PLE NA UFLA ATRAVÉS DO AVA - AVANÇAR	
Débora Racy Soares	
DOI 10.22533/at.ed.30319140821	
CAPÍTULO 22	267
MARCAS DOS PAISES IMPERIALISTAS NA CONSTITUIÇÃO E REORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	
Rosa Maria Silva Braga	
Lucia Torres de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.30319140822	
SOBRE A ORGANIZADORA	277
ÍNDICE REMISSIVO	278

IGREJA” E “SENHOR”: A CRÍTICA À RELIGIÃO NAS LETRAS DE MÚSICA DA BANDA TITÃS À LUZ DAS REFLEXÕES BAKHTINIANAS

Claudia de Fátima Oliveira

Universidade de Franca

Franca –SP

Camila de Araújo Beraldo Ludovice

Universidade de Franca

Franca-SP

RESUMO: O objetivo deste artigo é promover, a partir do estudo das letras das canções “Igreja” e “Senhor”, da banda paulistana Titãs, uma análise sobre as relações dialógicas entre as letras que, embora construídas em épocas distintas e distantes, trazem questionamentos históricos e sociais, em relação à ideologia permanente de que a instituição Igreja rege as relações sociais. Sob o ponto de vista do filósofo russo Mikhail Bakhtin, serão feitas análises dialógicas entre as letras e o contexto histórico à época das composições, a fim de demonstrar que se vive sob uma opressão religiosa-social, que se origina da castração e do imperativo, quer seja em âmbito coletivo, quer seja individual, enunciando um medo social que se faz presente até os dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Letra de música. Titãs. Relações dialógicas. Bakhtin.

CHURCH “AND” LORD “: THE CRITICISM TO RELIGION IN THE LETTERS OF MUSIC OF THE TITÃS BAND IN THE LIGHT OF BAKHTINIANAS REFLECTIONS

ABSTRACT: The purpose of this article is to promote a reflection on the dialogue between the letters that, although built at distinct and distant times, bring historical questions to the analysis of the lyrics of the songs “Church” and “Lord” and social, in relation to the permanent ideology that the Church institution governs social relations. From the point of view of the Russian philosopher Mikhail Bakhtin, dialogical analyzes will be made between the letters and the historical context at the time of the compositions, in order to demonstrate that one lives under a social-religious oppression, which originates from the castration and the imperative, whether in the collective sphere or individual, enunciating a social fear that is present until the present day.

KEYWORDS: Song lyrics. Titãs. Dialogic relations. Bakhtin.

1 | INTRODUÇÃO

As letras de música sempre foram objeto de polêmica em meio ao corpo social. Nesse sentido, no Brasil, os anos 1980 foram frutíferos,

em função da época por que o país passava: fim da Ditadura Militar e início da Nova República. Nessa década, surgiu, em São Paulo, a banda Titãs, que, nessa época, cantava, majoritariamente, letras de música cujo conteúdo era de protesto. Ainda que em uma época de abertura, os Titãs se consagraram como uma banda respeitada tanto pelo público, quanto pela crítica. Nesse contexto, *Cabeça Dinossauro* e *Nheengatu* são álbuns que possuem letras que, embora produzidas em tempos distantes e distintos, trazem para o leitor-ouvinte a realidade histórica do nosso país nos anos 1980 e 2010. Por meio das letras de música “Igreja”, de *Cabeça Dinossauro* e “Senhor”, de *Nheengatu*, tanto as gerações antigas quanto as atuais poderão conhecer muito do contexto histórico e social do nosso país.

As composições analisadas, dentro do gênero letra de música, foram escolhidas por abordarem críticas, ora veladas, ora explícitas às instituições religiosas que tradicionalmente regem o indivíduo e que não eram passíveis de críticas diretas em anos anteriores, mas, na contemporaneidade, já são alvos de questionamentos diretos acerca de sua validade.

Assim, nos anos 1980, a banda Titãs trouxe referências explícitas à Igreja, referências não elogiosas e contundentes às mazelas instauradas dentro das instituições religiosas. O incômodo gerado pelo teor de algumas letras trouxe à tona a importância de tratar sobre esse assunto, uma vez que o engajamento da banda se fez e se faz presente durante a sua trajetória. Dessa forma, analisar como as letras “Igreja” e “Senhor” são contributivas para o pensar social é de suma importância, já que, por muitas vezes, as imposições religiosas são vistas como algo já pré-imposto à sociedade.

Em 1987, foi lançada no álbum *Cabeça Dinossauro* a música “Igreja”, de composição do poeta Nando Reis. Conforme declaração do integrante do grupo Titãs ao site G1, a letra foi uma resposta do autor, ateu declarado, às declarações do cantor sobre o filme “Je Vous Salue, Marie”, de Jean-Luc Godard, cineasta, representante da Nouvelle Vague. O filme franco-suíço foi lançado no mesmo ano da música, de teor polêmico, proibido no Brasil durante o governo do presidente José Sarney. Na ocasião, Roberto Carlos enviou um telegrama ao então presidente, cumprimentando-o por impedir a exibição do filme, que, sob os olhos do artista, não seria expressão de arte que merecesse a liberdade de atingir a tradição religiosa do povo brasileiro. A época marcou o começo da Nova República, que veio substituir a ditadura.

Nesse contexto, surge a letra de “Igreja”, letra polêmica, que ganhou mais força polemizante quando um dos integrantes da banda, Arnaldo Antunes, deixou de participar das apresentações quando a música era tocada, por não ter certezas religiosas. À época da composição, a banda Titãs passava ao público a imagem de ter em seu bojo jovens rebeldes e revolucionários, fato confirmado pelo fato de o LP *Cabeça Dinossauro* trazer consigo somente letras de cunho crítico ao corpo social e às imposições estatais, o que o torna referência de protesto e politização.

A letra de “Igreja” é uma crítica à religião, mas, em especial, critica, com

veemência, a Igreja Católica, elemento causador de polêmica na época. Ainda assim, a letra, embora não tocada nas rádios, fez sucesso nos shows, naquele momento e é tocada até os dias atuais nos shows da banda.

Em 2015, a banda lança a letra “Senhor”, novamente clara alusão à religião e, em especial à Igreja Católica, abordando questões como pecado e culpa, e inserindo a letra da oração católica Pai Nosso, fazendo nela, inclusive, alterações. Além disso, entra em pauta, na letra em questão, a discussão em relação às religiões neo-pentecostais, sob o ponto de vista da exploração monetária.

Nesse sentido, as letras de “Igreja” e “Senhor” trazem consigo pontos em comum. Letras produzidas em tempos distintos, em espaços longínquos, a saber, 1986 e 2015, historicamente marcados por períodos de repressão e liberdade de expressão social. Em seu interior, ambas, frente às críticas direcionadas, criticam, de forma direta, a instituição religiosa Igreja, mas também mostram diferenças, justamente em função do tempo da produção das letras, vez que o conteúdo de “Igreja” é mais agressivo, enquanto “Senhor” parece trazer um convite à reflexão. Nesse contexto, ocorrem relações dialógicas entre as letras das músicas aqui analisadas, em cronótopos distintos.

O confronto entre as letras das músicas “Igreja” e “Senhor” trazem uma reflexão no sentido de que a imposição marcada pela religiosidade no Brasil, suposto Estado laico, se fez presente de forma marcante no período ditatorial, mas ainda válida na democracia, posto que ambas as épocas dialogam com forças religiosas vindas tanto do poder estatal quanto da sociedade conservadora.

2 | O DIALOGISMO BAKHTINIANO

As reflexões bakhtinianas trazem a concepção de que, embora os discursos não sejam produzidos em um mesmo tempo e espaço, eles podem intercambiar entre si ideários dialógicos, não inéditos, mas com novas contribuições. Para ele:

Qualquer resenha da história de alguma questão científica (independente ou incluída no trabalho científico sobre uma determinada questão) realiza confrontos dialógicos (entre enunciados, opiniões, pontos de vista) entre enunciados de cientistas que não sabiam nem podiam saber nada uns sobre os outros. (BAKHTIN, 2006, p. 331).

Desse modo, o aspecto em comum dos temas geram questões dialógicas. São, portanto, os enunciados aquilo que o enunciador produz com consciência, uma vez que o processo de enunciação se constitui por meio de vozes sociais. Quando um enunciado se encerra, não há acabamento final, frente à presença de respostas e réplicas. Nesse ínterim, as letras ora analisadas se fazem constituir por meio de vozes sociais, produzidas por seus autores e ecoadas quando repetidas e vivenciadas por seus receptores.

Nesse sentido, para Bakhtin,

Por palavra do outro enunciado, produção de discurso, eu entendo qualquer palavra de qualquer outra pessoa, dita ou escrita na minha própria língua ou em qualquer outra língua, ou seja, qualquer outra palavra não minha. Neste sentido, todas as palavras (enunciados, produções de discurso e literárias), além das minhas próprias, são palavras do outro. (BAKHTIN, 2006, p. 379).

Para o filósofo russo, é importante que se recolham dados materiais com o objetivo de reconstituir a história por meio das leis sociológicas, psicológicas e biológicas, em que a interpretação se faz através do diálogo. Desse modo, ao se analisar enunciados, há de se buscar nele vozes sociais que se encontram por meio de uma réplica social. Assim, nos planos do enunciado e do discurso, ocorre o dialogismo bakhtiniano. (BAKHTIN, 2006, p. 199).

Em toda parte, portanto, há certa intersecção, consonância ou intermitência de réplicas do diálogo aberto com réplicas do diálogo interior das personagens. Em toda parte, encontramos ideias, pensamentos e palavras, que se realizam em várias vozes. Nesse contexto, é importante aqui ressaltar que o dialogismo ocorre em todas as instâncias comunicacionais e, com as letras de música, não seria diferente.

Sob esse prisma, a banda de rock Titãs, desde os anos 1980, nos traz canções de cunho ideológico, que levam à reflexão acerca do contexto histórico e social do Brasil. Para tanto, analisaremos as letras de “Igreja” e “Senhor” sob a ótica dialógica bakhtiniana.

3 | ESTARIA A IGREJA, EM 1986, PRONTA PARA OUVIR ESSA CANÇÃO?

A produção em massa por parte dos componentes dos Titãs, na produção do LP *Cabeça Dinossauro*, trouxe à banda Titãs muitas opções de repertório na época, mas causou problemas para um dos membros do grupo, Nando Reis. Esse estava cada vez mais distante do processo de produção e, por conseguinte, se afastando dos integrantes do grupo. Ao observar que Nando não compusera nada ainda para o novo disco, o titã, hoje falecido, Marcelo Fromer cobrou-lhe, de forma austera mais participação nas composições.

E assim nasceu “Igreja”. Nando Reis foi para a casa dos pais, no Butantã, e compôs a letra da música, inspirada a partir da declaração do cantor Roberto Carlos acerca do filme *Je Vous Salue, Marie*, de Godard. O baixista juntou a indignação à posição do cantor, adicionou seu ateísmo e, em uma hora, compôs a letra:

IGREJA

Nando Reis

Eu não gosto de padre

Eu não gosto de madre

Eu não gosto de frei

Eu não gosto de bispo

Eu não gosto de Cristo
Eu não digo amém
Eu não monto presépio
Eu não gosto do vigário
Nem da missa das seis
Eu não gosto do terço
Eu não gosto do berço
De Jesus de Belém
Eu não gosto do Papa
Eu não creio na graça
Do milagre de Deus
Eu não gosto de igreja
Eu não entro na igreja
Não tenho religião

“Igreja” abriu uma polêmica no grupo, em que a música dividiu a banda. A razão da resistência era de cunho moral. Os versos elencados foram recebidos como genialidade pela maior parte do grupo, mas Paulo Miklos e Arnaldo Antunes rezearam o conteúdo. Na ocasião, Arnaldo alegou se sentir tão desconfortável em cantar “eu não gosto de Cristo”, como se sentiria se cantasse o contrário.

O título da letra “Igreja” já faz clara alusão à instituição religiosa, que, a um primeiro olhar, poderia remeter o interlocutor às igrejas diversas que compõem o corpo religioso do país. No entanto, os primeiros versos “Eu não gosto de padre/Eu não gosto de madre/Eu não gosto de frei/Eu não gosto de bispo/Eu não gosto de Cristo/Eu não digo amém” trazem um dialogismo entre aqueles que conhecem os ideários da Igreja Católica, maior parte da população brasileira, e o autor da letra da canção, bem como os que a cantavam.

Em “Eu não monto presépio/Eu não gosto do vigário/Nem da missa das seis/Não!/Não!”, percebe-se um posicionamento social valorativo do discurso ao atacar um costume cristão, majoritariamente católico, o presépio, referência cristã, que remete ao nascimento de Jesus, na companhia de São José e da Virgem Maria. É, portanto, o presépio, um costume natalino, visto fazer alusão ao nascimento de Cristo.

Assim, percebe-se uma afronta, por parte da letra, às regras impostas pela tradicional Igreja Católica, por intermédio dos rituais que nela ocorrem. A letra, composta no ano de 1985, comprova que nem toda a parcela da população concordava com os ideários cristãos católicos, mas até então, se calava. Por meio dos versos, que talvez fizessem parte de solilóquios de outros eus, ocorre a produção desse discurso, carregado de dialogismo entre locutor e interlocutor, com vozes repletas de valor ideológico. Isso se confirma em “Eu não gosto do terço/Eu não gosto do berço/De Jesus de Belém/Eu não gosto do Papa/Eu não creio na graça/Do milagre de Deus/Eu não gosto da igreja/Eu não entro na igreja/Não tenho religião/Não!/Não!/Não gosto!/Eu

não gosto!/Não!/Não gosto!/Eu não gosto!”

A repetição excessiva da palavra “Não”, em consonância com o sujeito “eu”, bem como da conjugação dos versos em primeira pessoa trazem à tona a configuração de que, bem como em “Polícia”, há, novamente um clamor de vozes que gritam pelo repensar, dessa vez, acerca da imposição religiosa feita por uma instituição.

Tem-se, portanto, em “Igreja”, a leitura crítica de uma realidade, abarcada em palavras excluídas de ornamentação, que retrata, implícita e explicitamente, uma série de acontecimentos sociais e históricos que espelham posições ideológicas. Ocorre, desse modo, uma relação de alteridade, na qual o sujeito se encontra em meio às divergências sociais, no caso, as imposições religiosas, e a elas responde.

4 I “SENHOR” E A CONCEPÇÃO RELIGIOSA DOS ANOS 2010

Trinta anos após a letra de “Igreja”, a banda Titãs compõe “Senhor”, correlacionando, em seu enunciado o contexto histórico de outra época, mas expondo valorações que ainda contrapõem o ideário religioso constante nos anos 1980:

SENHOR

Tony Bellotto

Senhor!

Não me livre do pecado

Me livre da culpa

Senhor!

Não me livre do perigo

Me livre da multa

Senhor!

Não me livre do inferno

Me livre do tédio

Senhor!

Não me livre da loucura

Me livre do remédio

Querem meu dinheiro

Querem meu salário

Um santo no espelho

Uma sombra no armário

Senhor!

Não me livre do desejo

Me livre do medo

Senhor!

Não me livre da mentira

Me livre do segredo

Senhor!
Não me livre da revolta
Me livre do castigo
Querem meu dinheiro
Querem meu salário
Um santo no espelho
Uma sombra no armário
O pão nosso de cada dia
Me dê de graça
Assim na terra como no céu
A mesma desgraça
Querem meu dinheiro
Querem meu salário
Um santo no espelho
Uma sombra no armário
Senhor!

Em 2015, a música “Senhor” foi lançada no CD *Nheengatu* pela banda Titãs. Composta por Toni Bellotto, na letra, há a crítica direta à exploração de fiéis por parte de grupos religiosos. A alusão à Igreja Católica, encontrada em “Igreja” se repete novamente, dessa vez, com referências claras às questões de pecado e culpa impostos pelo Catolicismo, bem como à oração “Pai Nosso”.

Desse modo, a faixa “Senhor”, em 2015 traz à baila uma repaginação de “Igreja”, composta em meados dos anos 1980. Nos anos 1980, a Igreja Católica Apostólica Romana tinha como Papa João Paulo II, Karol Józef Wojtyła, polonês santificado em 2011, eleito em 1978 e pontificado até o ano de 2005, na ocasião de sua morte. Seu sucessor, Bento XVI, 265º. Papa, teve seu Papado durante sete anos, até fevereiro de 2013, quando renunciou. Substituído pelo atual Papa Francisco, primeiro pontífice não europeu, trouxe ao tradicionalismo da Igreja Católica um impulso modernizador, inclusive ao gravar um disco com uma banda de rock progressivo, Le Orme, cujo título é *Wake Up*. Ainda que suas concepções sejam tradicionalistas por evidência, trouxe mais abertura aos ideários do Catolicismo.

Nesse âmbito, embora a tradicional instituição da Igreja tenha passado por alterações, em função da troca de dirigentes e da questão temporal, as imposições religiosas em relação ao pecado, à culpa, ao inferno e ao castigo continuam as mesmas. A abordagem da letra de “Senhor” soa diferente da de “Igreja”, no sentido de que, em Igreja, existem as afirmações do que o “eu” não gosta e não quer (“Eu não gosto de padre... “Eu não creio na graça do milagre de Deus...””) e, em “Senhor”, ocorre uma espécie de diálogo com Deus, entre o “eu” e o “tu”, por meio do coletivo, como se fossem múltiplas vozes convidando a uma reflexão acerca das imposições tratadas na letra. Ainda que as letras apresentem essas convergências, ambas divergem na

concepção acerca dos imperativos católicos.

As imposições da instituição católica trazem os elementos afins em “Igreja” e “Polícia”. Em “Senhor”, os versos: “Senhor, Não me livre do pecado, Me livre da culpa”, mostram uma reação do “eu” ao “outro” de cunho dialógico, inconclusível, visto que há um clamor do “eu”, mas não se sabe se esse clamor há de ser atendido. Cabe ressaltar que o “Senhor”, nesse âmbito, seria uma espécie de “ponte” representada pela Igreja, vez que é a entidade a transmissora dos preceitos acerca do pecado.

Nesse sentido, há de se ressaltar a presença no discurso na letra de música de vários enunciados, alternados entre réplicas. Isso ocorre especialmente na letra de “Senhor”, por meio da paródia, em: “O pão nosso de cada dia nos dê de graça/ Assim na terra como no céu a mesma desgraça...”. Há, aqui, portanto, a refração de comportamentos humanos por meio de uma interação dialógica, já que, além da descrita do mundo, há a presença dos interesses e valores do “eu”.

Na perspectiva bakhtiniana de que cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados, buscamos, na letra de “Senhor”, um potencial significativo para retratar o campo humano na visão do “eu” em relação à Igreja, aqui tida como coercitiva. Infere-se, portanto, que o discurso aqui descrito não é vazio de valores ideológicos.

Senhor!
Não me livre do pecado
Me livre da culpa
Senhor!
Não me livre do perigo
Me livre da multa
Senhor!
Não me livre do inferno
Me livre do tédio
Senhor!
Não me livre da loucura
Me livre do remédio

Nas primeiras estrofes que compõem “Senhor”, observam-se, em primeiro plano, contraposições entre aquilo de que o “eu” precisa se livrar e aquilo que a religião propõe a ele como libertação. As ideias de pecado, perigo, inferno e loucura são substituídas pela culpa, pela multa, pelo tédio e pelo remédio. Encontra-se aqui uma clara descrença no discurso autoritário religioso sobre pecado e perdão.

A formação simbólica de crenças e ideias proposta pela Igreja Católica se desfaz, nos versos anteriores e a mesma ideia surge nos versos seguintes, trazendo as angústias, agora sociais, de um indivíduo comum, que se sente usurpado, perseguido e oprimido:

Querem meu dinheiro
Querem meu salário
Um santo no banheiro
Uma sombra no armário
Querem meu dinheiro
Querem meu salário
Um santo no espelho
Uma sombra no armário

Nos versos acima, ainda que implicitamente, encontramos vozes que abordam conjuntura entre Estado e Igreja. As questões relacionadas a dinheiro e salário, questões relativas ao capital privado, se fundem com a presença do santo e da sombra, elementos religiosos de opressão e repressão. Entende-se, aqui, que a proteção advinda das forças superiores supostamente oferecidas pelo viés católico não ocorrerá, pois o “santo” e a “sombra” se fundem àqueles que querem o dinheiro e o salário do “eu”. Aqui, códigos católicos dialogam com códigos estatais. Cabe ressaltar que ocorre crítica, nesse ponto, explicitada às religiões neopentecostais, em função do dinheiro como elemento mediador na relação com o sagrado, cuja função é multiplicar bênçãos materiais àqueles que o santificam, de acordo com os propósitos da Teologia da Prosperidade.

Os versos seguintes retomam os iniciais, agora com uma abordagem inerente a outras considerações tidas como pecaminosas pela instituição religiosa ora analisada: têm-se aqui os ideários de desejo, mentira, abismo e revolta:

Senhor!
Não me livre do desejo
Me livre do medo
Senhor!
Não me livre da mentira
Me livre do segredo
Senhor!
Não me livre do abismo
Me livre do abrigo
Senhor!
Não me livre da revolta
Me livre do castigo

O avesso da oração aqui pausa, justamente, no sentido de que aquilo que a Igreja traz como elementos de culpabilidade, desejo, mentira, abismo e revolta não são vistos como esferdos, mas o medo, o segredo, o abismo e o castigo, esses, sim, são temidos pelo cidadão comum, que se vê às voltas do medo dessas punições.

Por fim, a letra de “Senhor” confirma a oração às avessas, por meio do tradicional “Pai Nosso”, mostra-nos uma voz que se multiplica em vozes sociais, que entendem que a imposição da corporação religiosa só cumpre fazer sentido caso o pão nosso de cada dia seja dado de graça, não cotidianamente, em troca do não-pecar e que a vontade de Deus, assim na terra, como no céu, não se faz presente, visto haver a mazela da desgraça em ambos:

O pão nosso de cada dia
Me dê de graça
Assim na terra como no céu
A mesma desgraça

Aqui, por meio da voz do autor, os versos de “Senhor” mostram um olhar comum, que vê as coerções religiosas como a presença de algo que não faz sentido se visto como punição, através de um órgão detentor do poder, mas que traria efetividade se o livrasse dos resultados advindos das ações negativas. Do mesmo modo, encontramos as mesmas constatações em “Senhor”. Assim, compreendemos que entre ambas as letras há a afinidade de elementos que vigem no catolicismo, mesmo que apartados em termos cronotópicos, mantendo relações dialógicas. De acordo com o fundamento católico, não se deve agir contra os preceitos do padre, da madre, do frei, do bispo, do Cristo, deve-se cultivar o Pai-Nosso, deve-se fugir do pecado e do inferno. No entanto, a voz presente nas letras nega essas imposições e reza Pai-Nosso de acordo com as suas necessidades e, assim, entende que o livramento deve ocorrer em relação ao medo, ao castigo e ao tédio.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, tivemos como proposta mostrar como as letras “Senhor” e “Igreja” trazem, nessa união de vozes algo de aproximação entre homem e Igreja. Nesse sentido, emanam duas respostas: sim e não. Ainda que existam negações sobre as ordens religiosas, não há a negação da ideia da presença dos ideários do catolicismo, visto que a voz do autor pede ao ser supremo que o mantenha sob seus cuidados, mas mantendo-o longe de outras culpas, não as impostas pelo bispo e pelo Cristo.

Assim, percebe-se que as letras aqui analisadas carregam consigo relações dialógicas, já que as ideologias religiosas se cumprem presentes, mas também há diferenças, em função das alterações sociais marcadas pelo tempo-espço da produção das composições. Nesse sentido, vivenciam-se situações sociais distintas em ambas as letras, mas que se unem frente à força da imposição social religiosa. Portanto, a questão da obediência, do medo e do pecado se fazem presentes em “Igreja” e “Senhor”, por meio da ideia de que a instituição religiosa traz consigo forças centrípetas que regulam a obediência através de ideias previamente instauradas no

corpo social.

Daí, a produção do cenário *underground* paulista evidencia vozes separadas no tempo e no espaço e trazem questões acerca do temário religioso. Desse modo, torna-se clara a necessidade da discussão da temática das imposições institucionais sem que o cidadão tenha direito à defesa sobre a primazia de suas escolhas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. Voloshinov, V. N. **Discurso na vida e discurso na arte**: sobre poética sociológica. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza para uso didático.

BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas: Unicamp, 1996.

_____. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Orgs). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade** Ensaio de Cultura. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 11-27.

_____. Autor e autoria. In: BRAIT, B. **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2012. p. 37-60.

DURKHEIN, E. A função do Estado em matéria de educação. In: **Educação e Sociologia**. 3. ed. Tradução de Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1952.

FARACO, C. A. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 21-26, jan./mar. 2011.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

MACHADO, I. A. **Narrativa e combinatória dos gêneros prosaicos**: a textualização dialógica. Araraquara: Itinerários, 1998.

MARCHEZAN, R. C. A noção de autor na obra de M. Bakhtin e a partir dela. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**. ISSN 2176-4573. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457322365>, São Paulo, v. 10, n. 3, set./dez. 2015.

MARMO, H.; ALZER, L. A. **A vida até parece uma festa**: toda a história dos Titãs. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 2002.

PRIORE, M. D. **Histórias da gente brasileira**: colônia. São Paulo. Editora LeYa, 2016.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, B. **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

TITÃS. **Cabeça Dinossauro**. Rio de Janeiro: WEA, 1986.

TITÃS. **Nheengatu**. Rio de Janeiro: Som Livre, 2015.

TITÃS. **Faixa a faixa**: Senhor (Álbum Nheengatu). Canal oficial dos Titãs. YouTube. 19 mai. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/musica/noticia/2016/06/faltava-barulho-na-musica-brasileira-dizem-titas-sobre-cabeça-dinossauro>. Acesso em: 20 set 2015.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise linguística 85, 100, 102

Argumentação 2, 24, 33, 34, 135, 136

Atos de Fala 66, 68, 76

C

Contemporâneo 42, 53

D

Ditadura Militar 1, 5, 7, 10, 11, 55, 56, 57, 59, 63, 65, 104

E

Educação Brasileira 2, 268, 276

Escrita 85, 156

G

Gênero 35, 205, 248

L

Leitura 5, 30, 66, 84, 85, 100, 101, 263

Leitura na escola 66

Letramento literário 24, 33, 34

Linguagem 2, 13, 33, 36, 50, 53, 101, 102, 146, 157, 193, 198, 260

Literatura 1, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 33, 34, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 64, 65, 84, 114, 130, 131, 174, 191, 198, 204, 210, 248, 259

M

Masculinidade 248

O

Oralidade 85

P

Pedagogia de Multiletramentos 8, 175, 176, 180, 181, 182

R

Retórica 24, 31, 33, 269

Romance épico 114

Romance histórico 114

S

Sociedade 13, 33, 53, 187, 211, 247, 248, 259

T

Textos instrucionais 66

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-530-3



9 788572 475303